

Liturgia em “tempos líquidos”

Liturgy in the “liquid time”

Valeriano dos Santos Costa*

Resumo: Este artigo aborda a questão hermenêutica dos sinais sacramentais com que a liturgia significa e opera a salvação. Porém leva-se em consideração o contexto da “modernidade líquida”, em que “nenhuma das formas consecutivas de vida social é capaz de manter seu aspecto por muito tempo” (Bauman). Nessa situação levanta-se a pergunta: neste contexto os símbolos conseguem manter-se? Sendo a comunicação litúrgica essencialmente simbólica, coloca-se em pauta uma questão que a Cátedra João Paulo II para a Nova Evangelização, da PUC-SP, pretende discutir: Como celebrar *per ritus et preces* se a base simbólica estiver arruinada? Até onde o contexto líquido afetou a celebração da fé? O artigo não responde todas as questões, mas intui que uma liturgia em tempos líquidos deve ser teófora, lúdico-artístico-filial e se pautar por uma sacramentalidade humanística, a qual tem o ser humano como sinal sacramental primordial de Cristo.

Palavras-chave: Liturgia; Amor; Liquidez; Solidez; Humanismo.

Abstract: This article focuses on the hermeneutical question of the sacramental signs with which liturgy signifies and operates salvation. However, it takes into consideration the context of the “liquid modernity”, in which “none of the consecutive forms of social life is capable of maintain its aspects for very long”. (Bauman) In this situation the following is raised: in this context how the symbols

* Valeriano dos Santos Costa, Doutor em sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico Sant’Anselmo, Roma, Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia, PUC-SP, natural de Bom Conselho, PE, e-mail: pvaleriano@uol.com.br.

manage to maintain themselves? As the liturgical communication is essentially symbolic, a question is raised, which the John Paul II Chair, of PUC-SP, intends to discuss: How to celebrate *per ritus et preces* if the symbolic basis is ruined? To what extent has the liquid context affected the celebration of faith? The article does not answer all the questions, but it senses that a liturgy in liquid times should be *teofora*, playful-artistic-filial and to follow a humanistic sacramentality, which has the human being as the primal sacramental sign of Christ.

Keywords: Liturgy; Love; Liquidity; Solidity; Humanism.

Introdução

Este estudo sobre a liturgia em tempos líquidos apresenta a teologia litúrgica e sua práxis em confronto com o contexto atual, descrito por Bauman com a metáfora do “líquido” e busca apontar na direção de uma superação no contraponto sólido da própria natureza da liturgia. Segundo Bauman, a sociedade encontra-se em um momento de aflição e medo. Então a religião seria um contraponto que poderia ajudar. No desenvolvimento do argumento, o artigo tem como proposta: a) oferecer noções teológicas sobre a sacramentalidade da liturgia, fundada no evento pascal de Cristo, a partir do seu aspecto celebrativo segundo a natureza lúdico-artístico-filial e na possibilidade de a liturgia agregar os eventos históricos vividos no plano da história da salvação; b) aprofundar, com a ajuda do sociólogo Zigmunt Bauman, o momento atual no qual a liturgia é celebrada, um momento líquido-globalizado; c) apresentar propostas de como se trabalhar a solidez dos sinais e símbolos litúrgicos em tempos líquidos. Mas o objetivo geral é colocar para teólogos e liturgistas uma questão a ser enfrentada como um dos projetos da Cátedra João Paulo II para a Nova Evangelização:¹ como celebrar a fé em toda a

¹ A Cátedra João Paulo II para a Nova Evangelização foi criada na PUC-SP pela Faculdade de Teologia, instalada oficialmente em 22 de outubro de 2013, como uma

sua densidade sólida e metafísica numa realidade líquida, estudado a partir de um referencial teórico mundialmente reconhecido? Essa situação representa uma realidade que se impõe e que parece não ser passageira. Paradoxalmente, tal realidade instaura uma espécie de transitoriedade que se pretende definitiva, instigada pela mobilidade das mídias digitais a serviço da cultura de consumo. Estaria a “modernidade líquida” liquidando os símbolos cristãos? E como fica a liturgia cristã? Que contribuição a fé, com sua liturgia, pode dar à sociedade diluída? Para encetar a reflexão, apresentamos alguns fundamentos teológicos da liturgia, que, por natureza, são sólidos.

1. Teologia da liturgia

2.1. O evento fundante da liturgia

A liturgia cristã celebra, *per ritus et preces*, a fé contida na divina revelação, cujo conteúdo se traduziu em dogmas. Como dizia Romano Guardini,² “a liturgia não é senão a verdade rezada”,³ ou como diz Pere Tena, “o culto cristão é, sobretudo, uma profissão de fé”.⁴ Tal profissão tem como centro o mistério pascal, cujo núcleo é a afirmação de que Jesus de Nazaré é o Cristo prometido na primeira aliança testamentária e mostrado na segunda. Daí o princípio de que o ato cultual é o cume e a fonte da vida cristã,⁵ pois, segundo o Papa Leão Magno (440-461), tudo o que era visível do nosso Redentor

instância de estudos avançados sobre a nova evangelização. Esta é um projeto prioritário da Igreja Católica para enfrentar a descristianização galopante de antigos continentes cristãos como a Europa e de novos, que podem entrar no mesmo ritmo. Um dos desafios que a nova evangelização tem de enfrentar é a questão da “modernidade líquida” e suas consequências para as religiões.

² Romano Guardini, expoente da última fase do Movimento Litúrgico é um ícone da teologia do *espírito da liturgia*. Até hoje um referencial para o tema.

³ GUARDINI, R. *O espírito da liturgia*, 30.

⁴ TENA, Pere. *Celebrar el misterio*, 16.

⁵ A afirmação de que de a liturgia ou o ato cultual é a fonte e o cume da ação da Igreja foi feita na Constituição *Sacrosanctum concilium*, do Concílio Ecumênico Vaticano II, n. 10. Essa afirmação tornou-se como um axioma.

passou para os sacramentos da Igreja.⁶ O que a encarnação, morte e ressurreição de Cristo mostraram nas três décadas da existência terrena do Filho de Deus, incluindo as manifestações pós-pascais antes da Ascensão,⁷ a liturgia, inaugurada no Cenáculo, continua mostrando há mais de dois milênios e o fará até o fim da história. Então a função da liturgia é, por meio dos sinais sacramentais, dar visibilidade a Cristo e promover o encontro dos homens e mulheres de todos os tempos com o Filho de Deus encarnado, morto e ressuscitado. Tal encontro tem a finalidade de agregar toda a humanidade à Santíssima Trindade por meio do mistério pascal.⁸

A operacionalidade se processa de forma orgânica: O Pai, fonte do amor e amante da humanidade, manda o Filho para nos dar o amor e transmitir o Espírito Santo, que instaura e sustenta a conexão real de cada crente com o Pai, em resposta ao seu amor primeiro. Então o encontro com Filho não é senão a oportunidade de se colocar no movimento trinitário segundo a lógica litúrgica: *ao Pai pelo Filho no Espírito Santo*.⁹ A liturgia é zelosa em relação

⁶ É uma afirmação que se tornou outro axioma para o mundo da liturgia. Papa Leão Magno foi o primeiro teórico da teologia litúrgica e reformador da liturgia nos primeiros séculos do cristianismo. A afirmação acima citada encontra-se no sermão no dia da Ascensão de Cristo, justamente quando o Cristo ressuscitado não aparece mais aos discípulos, pondo fim às aparições e instaurando o tempo da visibilidade de Cristo por meio dos sinais sacramentais da liturgia. *Sermo 2 De Ascensione*. Patrologia Latina, 54,398.

⁷ Ascensão é a festa celebrada quarenta dias depois da Páscoa na Igreja Católica. Esta festa constitui um marco teológico de encerramento das aparições de Cristo ressuscitado aos discípulos, a fim de, segundo São Leão Magno, chamar a atenção para os sinais sacramentais da liturgia, pelos quais o Cristo deve ser percebido no processo hermenêutico da fé. Depois da Ascensão, não consta nas Escrituras que Cristo tenha aparecido aos primeiros discípulos senão por meio do processo hermenêutico sacramental.

⁸ Mistério pascal (*paschale mysterium*) é a expressão teológica que resume a passagem de Cristo, enquanto Filho de Deus, na história humana, condensando toda a obra que operou em favor da humanidade. A rigor inicia no momento da encarnação e encerra na Festa de Pentecostes.

⁹ Segundo o Missal Romano, as orações são dirigidas ao Pai pelo Filho Espírito Santo. Esta é a forma correta de se rezar na Igreja. Ela denota que todo fiel deve unir-se ao Pai no mesmo que o Filho recebe e responde. A nosso ver, um cristianismo que não chega a essa meta espiritual, constitui-se num cristianismo espiritualmente

a esse movimento que caracterizou os místicos medievais, como podemos constatar na mística das beguinas. Exemplo é Hadewijch de Antuérpia, para quem amar o Amor que se encarnou em Cristo e que é derramado pelo Espírito Santo é inserir a alma no movimento trinitário de retorno ao Pai.¹⁰

Então o mistério Pascal é o acontecimento primordial, escatológico, essencial e definitivo da história da salvação, que jamais pode sair do centro. Portanto, apesar de seu conteúdo misterioso, é um acontecimento com registro histórico e constatação factual. É o centro mais palpável e dinâmico de todas as verdades da Igreja. Trata-se de um mistério de amor, traduzido com a metáfora da relação esponsal: Cristo é o Esposo, e a Igreja a Esposa. A relação esponsal exige compromissos radicais, que, na vida diária se refletem nos cuidados com relação ao outro, e na vida litúrgica se refletem na delicadeza ritual. Tudo isso porque a natureza do amor faz as atenções se voltarem para o outro. Tanto o cuidado do dia a dia quanto o cuidado celebrativo constitui emergência do mistério pascal. Na vida cotidiana e nos momentos celebrativos o cuidado desempenha um papel preponderante. Sem esse cuidado, não se pode falar em amor. É por isso que todo o cuidado de Deus para conosco tem um único nome: amor.

A emergência da celebração, que, de acordo com o Concílio Vaticano II, é “ação sagrada através, através da qual, com um rito, na igreja e mediante a igreja, é exercida e continuada a obra sacerdotal de Cristo, isto é, a santificação dos homens e a glorificação de Deus”,¹¹ está conjugada com a evangelização. Junto com evangeli-

órfão. Talvez seja esta uma das causas da descristianização atual. Essa hipótese é trabalhada na obra: COSTA, Valeriano Santos. *Vida cristã: a existência no amor*. São Paulo: Paulinas, 2014.

¹⁰ DELLA CROCE, Giovanna. Hadewijch de Antuérpia. in BORRIELLO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus/Loyola, 491.

¹¹ MASILI, S. Liturgia, in *Dicionário de liturgia*. SARTORE, Domênico – TRIACCA, Achille M. São Paulo: Paulinas, 644.

zação, a celebração está incluída no mandato missionário do Cristo ressuscitado: “Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,19-20). Acolhendo o Evangelho e batizando-se, os cristãos acolhem também o mandato de celebrar a Eucaristia: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19) e, por consequência, todos os outros sacramentos da fé. Portanto celebrar não é opcional, mas elemento central da mística cristã.

Assim quando nos reunimos para celebrar a liturgia cristã, o fazemos circunscritos a um acontecimento histórico que baliza e concretiza o passado, o presente e o futuro, pois o mistério pascal traz no seu bojo a plenitude do tempo. Celebrá-lo é sempre voltar ao essencial e definitivo passo da salvação. É um acontecimento histórico que não pode ter leituras divergentes daquela que dão os Evangelhos e todo o Novo Testamento na linha do amor de Deus que, na pessoa do Filho, que se fez mártir pela humanidade. A celebração mais plena do mistério pascal se dá na eucaristia. Como diz Tena, a eucaristia é o sacramento da comunhão eclesial. A partir disso, as celebrações sacramentais tornam-se escolas de leitura dos acontecimentos da história.¹² Então o fulcro do mistério pascal é denso e sólido, algo que não pode ser reduzido nem desfeito pelo tempo. Não suporta a ideia de consumo nem mesmo dentro da praticidade mais lógica da vida. Então a liturgia não é tarefa comum nem se enquadra no regime das coisas práticas. Por isso não suporta ser reduzida à dimensão cerimonial, e atravessará os séculos sendo o que é: ação ritual e momento de excelência na economia da salvação e na realização da felicidade cristã. O cristão que não celebra deixa o centro de sua fé, pois, ao celebrar, renova a profissão de fé e atualiza suas esperanças de uma vida frutuosa na história e plena na eternidade. Mas para que a liturgia possa ser tudo isso, tem de

¹² Cf. TENA, Pere. *Celebrar el mistério*, 24.

ser celebrada de acordo com sua tríplice natureza, a qual engloba o espírito lúdico-artístico-filial.

2.2. O espírito lúdico-artístico-filial da liturgia

A vida é atrelada a uma questão de finalidade, seja prática ou de sentido. Para Guardini, “o conceito de finalidade prática situa o centro de gravidade do objeto fora dele”,¹³ o que equivale dizer que há coisas que têm uma finalidade fora de si, ou seja, são meios para se atingir um determinado fim como, por exemplo, os bens econômicos. Mas “há certas coisas que não possuem finalidade, na acepção estrita da palavra; mas têm sentido”,¹⁴ isto é, são seu próprio fim como, por exemplo, a arte, o brinquedo, a dança, a festa. Segundo o mesmo autor, a primeira ordem de coisas tem finalidade prática e a segunda finalidade de sentido. Ambas fazem parte da vida e caminham juntas. Uma vida sem finalidades práticas torna-se frívola, mas uma vida submetida às juntas rígidas da visão utilitarista morre,¹⁵ pois o conteúdo da existência repousa nas coisas que lhe dão sentido. Entre as coisas que dão sentido à vida cristã e, por isso não são de ordem prática nem utilitária, está a liturgia. Portanto o espírito da liturgia é lúdico-artístico-filial. Guardini é uma referência sobre a dimensão lúdico-artística da liturgia.

Lúdico-artística porque comporta o senso do brinquedo da criança e do artista. É um jogo de arte.¹⁶ O que marca esse tipo de jogo não é a ausência de regras, mas uma finalidade especial das regras; cooperação. Sem a cooperação o próprio jogo torna-se pura competição e perde o equilíbrio lúdico. Porém é um tipo de cooperação que se torna um valor em si e não um valor “para”. Para Sennet a cooperação torna-se um valor em si em rituais tanto sagrados quanto

¹³ GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*, 75.

¹⁴ *Ibidem*, 76.

¹⁵ Cf. *ibidem*, 77.

¹⁶ *Ibidem*, 81.

seculares. Para ilustrar comportamentos seculares que parecem rituais, Sennet usa a fotografia mais famosa de Frances Benjamin Johnston (1864-1952), que mostra

[...] seis homens construindo uma escada, cada um deles desempenhando uma habilidade diferente, mas todos agindo em conjunto, mutuamente conscientes, mas absortos no próprio trabalho [...] O mais impressionante nesta fotografia será talvez a expressão no rosto dos trabalhadores: nenhuma. Votados para o que estão fazendo individualmente, seus rostos mostram serenidade.¹⁷

O que chama a atenção na descrição de Sennet e na própria fotografia é o paradoxo de os seis homens não se comunicarem entre si e estarem em profunda comunicação; não mostrar alegria explícita e estar vivendo uma alegria profunda; não mostrar nenhuma agitação e estar em profundo movimento interior refletido na tranquilidade exterior. Para nós essa foto é uma lição de liturgia, na qual o transcendente e o divino se harmonizam e criam a tranquilidade real. O fato de os rostos não mostrarem nenhuma impressão não é negativa, mas positiva, porque a impressão que a fotografia ressalta é corporal, integrando corpo, espírito e mente. É comum nossos rostos mostrarem uma impressão que não condiz com o resto do corpo, indícios de histórias falsas transmitidas por expressões fragmentadas, palavras quebradas. Nesse sentido, Sennet diz que “contemplando a fotografia, percebemos que as pessoas na oficina são exatamente o que parecem ser; não existe nenhuma história oculta; elas não formam uma coalizão”.¹⁸ É um jogo da verdade! Um rito traz à tona o que há de melhor no ser humano e que de melhor deve ser vivido em conjunto. A cooperação ritual é a dinâmica mais profunda entre os seres humanos. Um “bom dia” e uma “boa tarde” são os ritos mais

¹⁷ SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo*, 80.

¹⁸ *Ibidem*, 81.

simples para ajudar os humanos a se relacionarem. São expressões sérias que usam o tom do brinquedo para facilitar a vida.

Nesse sentido, a litúrgica funciona como um brinquedo que ensina o adulto a ter coração de menino. Ela quebra o homem velho e autossuficiente, reativando seu coração de criança e tornando-o capaz de olhar para Deus e exclamar: *omnipotens Deus!* Só uma criança extasiada é capaz de ver nos olhos paterno-maternos uma grandeza que extrapola seu conhecimento. Só um cristão purificado pode chamar a Deus de *Todo-poderoso* sem sentir-se diminuído. O adulto, com seus mitos de grandeza, tem dificuldade de entender que a vida é um brinquedo e que brincar é a arte mais preciosa da existência. Quando os filósofos não brincarem mais com a arte de pensar, os poetas entram em cena para não deixar a brincadeira morrer. Quem sabe os palhaços vão poder ajudar, apesar do preconceito contra crianças, palhaços e poetas. O problema não é somente que o mundo de “adulto” é complicado, mas é, sobretudo, infeliz.

O Brinquedo é isso; a vida expandindo-se sem finalidade prática, e tomando posseção de sua própria plenitude, cheia de sentido pelo simples fato de existir. E o brinquedo é algo belo quando, se lhe deixa plena liberdade – quando nenhuma intenção pedagógica se introduz nele, artificializando-o.¹⁹

Ter coração de menino é um ato de conversão: *Se não vos converterdes e não tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus* (Mt 18,3). Certamente é nesta perspectiva que Guardini vê a brincadeira como metáfora do espírito da liturgia. Nesse sentido, a grandeza da reforma litúrgica não está, sobretudo, na mudança do latim para o vernáculo, mas em recuperar o espírito da liturgia.

Ao lúdico se anexa o filial. A dimensão filial como dom da graça batismal nos faz, segundo Guardini, atingir a “infância

¹⁹ GUARDINI, Romano, op. cit., 81-82.

sobrenatural”,²⁰ a partir da união entre arte e realidade. A liturgia não é trabalho, mas, brincadeira diante dos olhos do Pai eterno, na imensidão do seu amor. “Brincar diante de Deus, não criar, mas ser uma obra de arte, tal é a essência mais íntima da liturgia”.²¹ Somente místicos como Teresa de Liseux, conseguem atingir a leveza do amor que se faz vida. Só criança pode encontrar o repouso que o espírito filial concede por causa do amor.

Teresa se atormentava querendo assumir todas as vocações missionárias na Igreja. Porém, ouvindo na liturgia a proclamação do hino de Paulo sobre o amor (1Cor 13), compreendeu que basta o amor para sermos tudo; basta um coração filial para sermos felizes; basta o sentimento cristológico de sermos amados pelo Pai, para sermos ontologicamente ajustados. Diz ela:

Encontrei, enfim, o repouso... Compreendi que a Igreja *tinha um Coração*, e que este coração era ardente de AMOR. Compreendi que só o *Amor* fazia agir os membros da Igreja e que se o *Amor* viesse a se extinguir, os Apóstolos não anunciariam mais o Evangelho, os Mártires recusariam derramar seu sangue... Compreendi que o Amor encerra todas as vocações que o amor é tudo, abraça todos os tempos e todos os lugares... Em uma palavra, abraça todos os tempos e todos os lugares... Em uma palavra, que ele é eterno! (Sta Teresa do Menino Jesus: 246-247)

O fundamento ontológico do ser humano é o amor de Deus Pai, diz Rupnik.²² Por isso mesmo a essência do homem também é o amor.²³ Isso exige uma reformulação total do ser como ficou muito claro no diálogo entre Jesus e Nicodemos, na calada da noite, quando este perguntou a Cristo: “Como pode um homem nascer sendo já

²⁰ Ibidem, 83.

²¹ Ibidem, 84.

²² Cf. RUPNIK, Marko I. *Teología de la evagelización desde la belleza*. Madrid: BAC, 2013, p. 297.

²³ Ibidem, 297.

velho” (Jo 3,4)? A resposta é que não se trata de uma obra carnal, física, biológica, mas espiritual. É uma obra que tem como pano de fundo o amor do Pai pelo Filho: “O Pai ama o Filho” (Jo 3,35). Renascer significa encontrar a infância sobrenatural, que para Guardini significa a união entre a arte e a realidade,²⁴ a fim de aí redescobrir o amor do Pai como um amor pessoal e infinito.

Então a infância sobrenatural de Guardini está muito próxima da infância espiritual de Teresa. Ambas comportam o mais belo e leve do ser cristão e não induzem a comportamentos infantis, mas resgatam o ser filial intrínseco da natureza cristã e amenizam a gravidade e o peso de uma vida vivida a reboque das finalidades práticas da vida. Uma fé que não faça redescobrir a beleza da filiação divina filtrada pela estrutura psico-afetiva como um forte sentimento de se amado por Deus Pai é uma fé de verniz. A liturgia é o lugar primordial para o resgate da filiação adotiva e da experiência lúdica e artística da vida. É uma postura sólida, que não pode ser desmanchada pela cultura de consumo. Neste ponto de nossa reflexão, pode-se colocar uma pergunta relevante: se a liturgia é essencial e até certo exclusivamente a celebração do mistério pascal, como incluir os outros eventos relacionados, sobretudo, com a história humana? As dores e as alegrias do homem não podem ser alijadas do momento celebrativo da vida cristã, pois devem encontrar um gancho que as torne pascais.

2.3. A participação dos outros eventos históricos na liturgia

Há sim uma forma de incluir os eventos humanos na celebração do mistério pascal, mas é na forma de participação e não de protagonismo. Cristo é o único protagonista do mistério pascal. Para que os acontecimentos da história possam fazer parte do culto cristão, é preciso que sejam vividos na fé, senão tomariam o lugar central do mistério pascal. Qualquer evento, quando vivido na fé, torna-se

²⁴ Cf. GUARDINI, Romano, op. cit., 83.

evento de passagem assimilado pela páscoa de Cristo. Dessa forma não entra na celebração como cunha, introdução forjada ou forçada, mas repercussão hermenêutica do mistério de amor vivido e celebrado. Todo acontecimento assimilado na fé é parte da história da salvação no cotidiano da vida. Esse mistério tem sua fonte em Deus Pai, sua mediação em Deus Filho e sua força operativa em Deus Espírito Santo. É na perspectiva cristológica que Israel viveu sua fé e fez a interpretação da história como um processo de aliança. Agora, sob o olhar de Cristo, nós fazemos a interpretação decisiva da história de Israel, lendo as maravilhas que Deus realizava, mesmo em situações ambíguas, já que a história é feita por homens, ou seja, por culturas. Por isso seguimos a hermenêutica de Jesus de Nazaré, cuja interpretação da vontade de Deus não seria aquela que fez Moisés punir com pena de morte um homem que foi surpreendido apanhando lenha no sábado (Nm 15, 35-37). O desafio dos cristãos é acreditar no mandamento do amor e criar condições culturais que assimilem o amor de Deus como norma de vida. Então diante da égide do amor divino assimilado na estrutura social e no aparato psíquico-afetivo, homens e mulheres dão a vida pelos outros, corrigem com amor e não com pena de morte, contra a qual se posicionam, para ressaltar a vida como dádiva divina. Ao que tira a vida se dá uma lição sobre a importância da vida por meio do perdão ou até do martírio. Portanto o mistério pascal engloba todos os eventos vividos na fé, pois a humanização do Filho de Deus foi uma escolha para a deificação promovida pela adoção filial. A liturgia tem dois polos que não podem ser separados: a natureza e a cultura. Pela natureza, a liturgia é divina; pela cultura, ela torna-se evento humano e fenômeno histórico. Pela natureza, ela é comunicação protagonista de Deus; pela cultura ela oferece a resposta extasiada de filhos que se sentem amados. Liturgia não é técnica; é amor, e amor seleciona os melhores elementos culturais para se expressar.

Portanto, a celebração não pode ser feita fora do contexto cultural, pois se reduziria a um ato divino sem repercussão humana. Por isso não se pode aprofundar a sacramentalidade da liturgia sem a compreensão do contexto, já que o regime de sinais que faz parte da dimensão cultural da liturgia está intrinsecamente inserido numa determinada cultura. Se vivemos numa cultura líquido-global,²⁵ isto é, instantânea, pragmática e passageira, o sistema simbólico, enquanto elemento essencial do regime de sinais que define a dimensão ritual da liturgia, também pode estar líquido e, assim, cria-se um problema cujo tamanho ainda nem somos ainda capazes de avaliar. Por isso a reflexão que fazemos aqui é apenas um tímido ensaio que, certamente, deverá desenvolver-se com o senso acurado da ciência. No entanto é preciso ousar para não chagarmos tarde, como, de certa forma, ocorreu com a reconciliação da Igreja com a Modernidade quando ela já estava agonizando.

3. O enigma da realidade atual segundo Bauman

O contexto atual é um grande desafio para a celebração da fé, pois é difícil saber realmente o que as mudanças que se processaram ao interior da segunda modernidade significam para a vida humana. É como um enigma a ser interpretado. Estamos vivendo um tempo sem padrões e contornos fixos; tudo mudou e tudo muda constantemente. A atual geração jamais poderia imaginar que em pouco tempo veria padrões totalmente quebrados e um futuro que parece ser moldado com critérios desconhecidos ou invertidos.²⁶ Recorremos a um estudioso que se dedicou a interpretar o mundo contemporâneo, o sociólogo Zigmunt Bauman, “exponente mundialmente

²⁵ BAUMAN, Zigmunt, *A cultura no mundo líquido moderno*, 2013: *passim*.

²⁶ Autores como Santaella adotaram a linguagem do “pós-humano” para expressar a realidade atual, na qual o corpo é construído como parte de um circuito integrado de informação de matéria que inclui componentes humano e não humanos, como *chips, bits*, junto com tecidos orgânicos, carne e osso. cf. SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 39.

reconhecido da chamada ‘sociologia humanística’”.²⁷ E por que Bauman se há outros pensadores na mesma linha? E ainda por que não algum contestador de Bauman? É que uma escolha teria de ser feita, considerando que não estamos tratando de uma discussão sociológica, mas teológica. Portanto o nosso argumento é teológico, mas tivemos de fazer uma escolha pela clareza de pensamento de Bauman a respeito do que aconteceu ao interior da modernidade, parecendo mais ruptura que continuidade. A distinção que Bauman fez entre a modernidade passada e a atual ganhou uma clareza de cunho pedagógico. Diz Santaella:

Bauman estabeleceu com clareza a distinção entre a modernidade passada, já desenraizada, e a presente. Enquanto lá desenraizava-se para dar um passo avante rumo a um novo enraizamento, agora todas as coisas – empregos, relacionamentos, afetos, o amor, *know-hows*, etc. – tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desregulados, flexíveis.²⁸

É muito intrigante que Bauman tenha chegado a uma concepção de globalização “até aqui [...] totalmente negativa”.²⁹ O insight de Bauman foi uma escolha deliberada no intento de entender o contexto atual em que a sacramentalidade da liturgia deve apresentar os sinais que operam o que significam. Não podem, portanto, ser líquidos, usando já a terminologia bauminiana. Já era difícil uma hermenêutica segura do fenômeno da pós-modernidade; muito mais difícil e enigmático é interpretar o mesmo fenômeno se este traz consigo uma ruptura em relação ao passado. Já houve mudanças de época na história, mas todas tinham algo que as unia ao passado.

Parece-nos que a modernidade atual comporta-se como a esfinge do mito grego, que apresentava um enigma sobre a condição

²⁷ SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007, 14.

²⁸ *Ibidem*, 15.

²⁹ BAUMAN, Zigmunt, *Medo líquido*, 2008, 126.

humana, ao preço do dilema: *decifra-me ou te devoro*. Errar era fatal. Édipo decifrou e a esfinge se destruiu. O desafio edipiano pode ser comparado à coragem que a teologia precisa para decifrar o enigma de como, num tempo caracterizado por mudanças rápidas e obsessivas, anunciar e celebrar o mistério pascal, cuja perenidade é tão consistente quanto o próprio Cristo: “Jesus Cristo é o mesmo ontem e hoje; ele o será para sempre” (Hb 13,8). A teologia não pode omitir-se a oferecer sua contribuição nesse tempo de mudanças rápidas e de instabilidade que Bauman chama de tempo “líquido”. É consequência de uma série de processos que transformaram a modernidade sólida em líquida.³⁰ Tal derretimento fez Bauman, a partir de 2000, abandonar a expressão *pós-modernidade*,³¹ substituindo-a por *modernidade líquida*, em contraposição à primeira modernidade, chamada por ele de *modernidade sólida*.

As duas fases da modernidade são dois parâmetros caracterizados por uma ruptura. O propósito inicial era derreter os sólidos defasados pela cristalização do modelo medieval, para construir outros mais perfeitos,³² como também diz Santaella. Porém, uma vez que o carro foi posto em movimento, perderam-se os freios e o veículo parece desgovernado. Virou uma “[...] cadeia de mudança autoprorrogável depois que ela é posta em movimento”.³³ Suspeita-se que a única finalidade é não permitir que haja mais sólidos. Então não é mudança de paradigma, mas uma “batalha constante e mortal travada contra todo tipo de paradigma”.³⁴

³⁰ Cf. BAUMAN, Zigmunt, *A cultura no mundo líquido moderno*, 2013, 16.

³¹ Antes de 2000, quando se dá a virada terminológica de Bauman, o último livro que ainda usou no título a expressão pós-modernidade foi *Postmodernity and its Discontents*, publicado por *Polity Press* de Cambrigg, Inglaterra, em 1997.

³² BAUMAN, Zigmunt, op. cit., 53.

³³ *Ibidem*, 18.

³⁴ *Ibidem*, 53.

Atingiu-se a ética diretamente e neutralizou-se a moral. A consequência é que “reina o caos no mundo dos valores”.³⁵ Nesse contexto a verdade parece extremamente relativa. O princípio líquido-moderno de que “as pessoas têm o direito de ser diversas e também o direito de ser indiferentes à diversidade dos outros”,³⁶ gerou um indiferentismo, que dá o direito de todos serem o que quiserem, mas quando começarem a afundar, “não é problema meu”. Parece uma proposta de liberdade, gerando a impressão de que a ação social é espontânea como um enxame de abelhas, que não parece ter liderança,³⁷ embora isso seja apenas uma falsa impressão. O individualismo líquido-moderno, a nosso ver, ainda mostrará mais tentáculos.

No campo social e psicológico as coisas estão piorando. O medo tornou-se um incômodo companheiro: “Estamos todos em perigo e todos somos perigosos uns aos outros”.³⁸ E do ponto de vista social há uma “globalização altamente seletiva do comércio e do capital, da vigilância e da informação, da coerção e das armas, do crime e do terrorismo, todos os quais agora desdenham a soberania nacional e desrespeitam quaisquer fronteiras entre os Estados”.³⁹ Isso produziu o mais terrível lixo: o lixo humano. Globalizou-se, portanto, o medo e gerou-se o que Bauman chama de “era da diáspora”⁴⁰ que representa bolsões de expatriados vivendo multiculturalmente sem lar ou pátria. Como consequência, os problemas sociais, a criminalidade e a inquietação avançam. Mas isso agrada à elite globalizada, pois “quando os pobres discutem com os pobres, os ricos têm todo o motivo para esfregar as mãos de alegria”.⁴¹ Bauman afirma que

³⁵ Ibidem, 17.

³⁶ CONSTANT, Fred. *Le multiculturalisme*, 89.

³⁷ Cf. BAUMAN, Zigmunt, op. cit., 55,

³⁸ BAUMAN, Zigmunt. *Medo líquido*. 2008, 128.

³⁹ Ibidem, 126.

⁴⁰ Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), há entre 13 a 18 milhões de vítimas de deslocamento forçado; (Bauman 2004:164).

⁴¹ BAUMAN, Zigmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. 2013, 46.

“para que não haja coisa alguma com que se preocupar, os gerentes da ordem global precisam de uma abundância inexaurível de inquietação local”.⁴²

Resumindo o pensamento de Bauman, poderíamos dizer que não estamos mais num mundo que pensa as coisas, os arranjos sociais, os símbolos, a moda em sua variedade como eventos para durar. Tudo isso se desestruturou completamente em todos os sentidos, seja econômico, psíquico, afetivo. O que dura atrapalha, porque impede em tese relações novas que poderiam ser muito mais interessantes. A consequência, no entanto, é que o medo virou paranoia e a instabilidade tornou-se patológica.

4. A liturgia no mundo líquido moderno

Vimos que a liturgia celebra o evento mais sólido de toda a história cristã: o evento pascal. No entanto o contexto cultural em que o mistério pascal é celebrado hoje é um contexto líquido. Aqui se levanta um enorme problema hermenêutico: como uma assembleia de culto que vive num contexto líquido pode interpretar a mensagem sólida que brota da liturgia? Será por analogia ou outra maneira? Não é uma questão fácil, mas não podemos nos omitir. Tentaremos, portanto, uma abordagem que represente, pelo menos, um tímido esforço de resposta. Para isso enfocamos três características de uma liturgia capaz de sinalizar a presença sólida do amor de Deus em tempos líquidos: uma liturgia *teófora*, *lúdico-artístico-filial* e *dialogicamente humana*. São três características que ensaiam uma tímida resposta diante do contexto líquido atual. Não se trata de uma resposta para rebater, mas para debater e contribuir sem nenhum intento de exclusão em relação a todas as outras propostas que forem apresentadas pelas mais diversas correntes preocupadas com o ser humano hoje. A entender o que Bauman tem dito com todas

⁴² Ibidem, 44.

as letras, o ser humano no contexto líquido não está bem e ensaia uma crise jamais vista na história da humanidade. Portanto refletir e contribuir é preciso.

4.1. Uma liturgia “teófora”

Em nosso estudo sobre a teologia da liturgia, temos abordado quatro critérios sacramentais para a leitura da presença soteriológica de Deus nas celebrações da fé: a beleza, a ordem, o amor e o êxtase.⁴³ A beleza e a ordem são as dimensões mais abordadas na teologia litúrgica, embora o fundamento teológico nem sempre tenha tido destaque. Por isso mesmo o esteticismo e o cerimonialismo têm representado um perigo reducionista. Nessa perspectiva, o amor de Deus, expresso no Novo Testamento com a palavra *agape*, trouxe uma inovação no estudo da liturgia, sobretudo em seu caráter soteriológico e, ao mesmo tempo, tornou-se uma solução para o perigo apontado. Os cristãos não endeusaram *agape*, mas perceberam que é o melhor termo para expressar a essência de Deus e, por tabela, a essência humana. No coração que acolhe o amor de Deus, a dimensão erótica não sucumbe, mas é assimilada como força vital que dá entusiasmo ao amor, senão não há atração. Como diz Jeanrond,

o amor entre as pessoas engloba o atrativo e a energia pessoal, erótica e, possivelmente, também sexual dos seres humanos, e desse modo muda a maneira de estar no mundo dos enamorados, assim como sua experiência e compreensão que têm do seu corpo e da extensão do seu amor.⁴⁴

Várias matrizes de significado das Escrituras hebraicas foram sendo traduzidas em outras línguas por uma única palavra: amor. Assim ocorreu com a tradução das Escrituras hebraicas para o grego.

⁴³ COSTA, Valeriano. *Noções teológicas de liturgia*, 2012, *passim*.

⁴⁴ JEANROND, Werner G. *Teología del amor*, 2013, 21.

Dessa forma, a dimensão erótica da capacidade humana de relação foi sendo excluída da teologia do amor.⁴⁵

Mesmo reconhecendo que não há nenhuma expressão de amor que de alguma forma não seja erótica,⁴⁶ não podemos nos esquecer de que eros, quando não tem um rumo dado por Deus, pode servir ao poder da morte. É nessa perspectiva que sexo e morte tornam-se aliados no abuso e na exploração. Contudo é um engano pensar que o santo seja uma pessoa amorfa, isto é, sem vivacidade, energia e solidez atrativa.

Liturgia teófora é uma liturgia portadora de Deus e, como tal, é portadora do amor. É assim que se posiciona o rito eucarístico desde o seu início até o fim. A nossa tese é que no mundo líquido atual, só o amor de Deus, com toda a sua inteireza e solidez, pode salvar a humanidade, que, de tão fragmentada virou líquida. Somente o amor de Deus tem condições de restaurar o ser humano, unindo todas as capacidades da inteligência. Ao naufrago se oferece uma tábua; ao ser humano imerso em líquido se oferece o amor de Deus como tábua de salvação. Estudos científicos poderão comprovar esse fenômeno com provas acuradas em muitos campos do saber.

Uma liturgia teófora leva o rito à profundidade da comunicação semelhante à fotografia de Frances Benjamin Johnston, comentada por Sennet neste estudo. Ali a comunicação é um paradoxo, porque não é individual, mas coletiva, integrada e pessoal, na medida em que os trabalhadores artesanais que constroem a escada estão ligados por um senso de unidade que parece ritual. Ninguém diz nada ao outro e, no entanto, diz tudo sem palavras e sem se dirigir ao outro porque a postura fundante do amor já é em si um olhar para o outro. Uma liturgia teófora fala de Deus porque fala com Deus. É uma fala que dirige, em primeiro plano ao Outro. No entanto ninguém fala só, porque todos estão irmanados no aspecto horizontal da assembleia

⁴⁵ Cf. *ibidem*, 56.

⁴⁶ Cf. *ibidem*, 27.

litúrgica toda ministerial. A compreensão desta dimensão litúrgica acabaria com todos os problemas que têm afetado a liturgia pós-conciliar no que se refere aos gestos que podem dispersar e não unificar. Todo rito é grávido de conteúdo e mensagens. O rito sagrado carrega o amor de Deus como a Virgem de Nazaré subindo as montanhas da Judeia. A visitação descrita por Lucas (1,39-45) é mais do que um serviço comum que uma mulher presta à outra: Maria é teófora. Tanto o seu encontro com Isabel quanto a exultação no ventre de Isabel compõem o evento teológico mais surpreendente dos relatos da infância de Jesus. Não se trata de um serviço comum prestado por Maria a Isabel durante três meses. Aliás, o serviço pós-parto nem é mencionado, porque no calendário descrito por Lucas, apenas João nasce, Maria volta para casa.

A liturgia é Maria que sobe a região montanhosa da Judeia levando Deus para renovar e dar condições de vida às velhas estruturas. O rito tem pressa de chegar, mas não sai do ritmo que conduz à exultação própria do êxtase. A exultação na liturgia só é legítima quando é realizada naturalmente pela presença de Deus e não por comandos humanos. Portanto a liturgia é teófora por si e não precisa de adendos da comunicação humana para transmitir Deus. É teófora porque a profundidade da relação entre os membros da assembleia é comunicação básica e suficiente para que todos se sintam unidos como na fotografia de Johnston. O mundo líquido é o mundo imagem; a liturgia é o mundo da Palavra; o mundo líquido é o mundo da mudança fugaz; o mundo da liturgia é o mundo do amor que permanece e dá à história condições de durar. Com certeza, seria uma grande contribuição para a sociedade, que atravessa, segundo Bauman, o momento mais crítico da sua história.

4.2. Uma liturgia lúdico-artístico-filial

Desmontar o bloqueio que o adulto constrói para esconder a insegurança e o medo da vida é uma graça que a liturgia opera,

quando sua natureza lúdico-artístico filial é respeitada. Do diálogo noturno entre Jesus e Nicodemos (Jo 3ss) se extrai o princípio do renascimento que o adulto realiza pelas vias espirituais e não carnis nem materiais. O ventre da mãe é o amor de Deus Pai envolvendo o crente no sentimento primordial que realiza a abertura para a vida e promove todos os ajustes para o crescimento: o sentimento de ser amado. Por se tratar da fé, não é mais uma relação horizontal, mas uma relação vertical que une a criatura e o Criador, promovendo a primeira constatação de uma visão agápica e trinitária.

A segunda constatação é o reflexo horizontal, pois a partir do sentimento de ser amado pelo Criador, fenômeno alimentado no coração de um crente que se sente amado por Deus Pai, é que se possibilita o “deves amar” de Kierkegaard.⁴⁷ Deves amar porque tens amor; deves amar porque és ontologicamente amor. Portanto o renascimento espiritual é operado a partir de uma infância sobrenatural, como diz Guardini, que faz da liturgia uma brincadeira de crianças encantadas com o amor que as leva aos braços do Pai. O Pai, sim, é o *Pantocrátor* (o todo-poderoso) dos textos eucológicos do missal romano. O Filho é o *Kyrios* (senhor vitorioso) que passou pela *kenosis* (*esvaziamento* mais bem representado pelo aniquilamento da cruz). Quando o rito proporciona o milagre do esvaziamento do adulto, opera o que significa não só no plano invisível da fé, mas também na visível transformação psico-afetiva. Daí a alegria e a leveza que tomam conta das pessoas ao longo de uma celebração litúrgica em sua dimensão lúdico-artístico-filial. O “deves amar” deixa de ser uma lei e passa a ser um jogo de crianças que brincam para se divertir e não para conseguir vantagens práticas e contáveis. Nesta perspectiva não se conta o número de comunhões, mas se valoriza a comunhão que as comunhões sacramentais promovem no seio

⁴⁷ KIERKEGAARD, Sören A. *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. 2005, *passim*.

da Igreja e da comunidade local. Isso é sólido e perpassa o tempo, avançando milênios na história.

Diante do amor líquido da atual modernidade, a boa-nova da fé continua proporcionando, mais do que nunca, um amor sólido para consolidar as relações humanas. Hoje se vestem crianças como adultos, se exigem de crianças um rol de atividades que nem adulto aguenta. Portanto é preciso fazer um caminho inverso, uma conversão. Quando toda a assembleia se sentir no ágio da criança, ninguém fica incomodado quando as crianças passeiam pela nave da igreja em seu intento de pequenos pesquisadores que observam. Ministros que se irritam com crianças deveriam cuidar de sua própria criança sufocada pelos arreios que a cultura coloca sobre o adulto tirando-lhe o ágio da vida. Jesus atraía as crianças porque dentro dele havia uma criança que sabia respeitar, sabia brincar. A liturgia mantém o sonho perene de que a utopia não morreu e reforça a certeza de que o amor é real. Na realidade do amor, a utopia faz morada e não deixa a esperança esvaziar-se. Quando os fins práticos absorverem a vida apor inteiro, o cansaço chegará a um nível insuportável e as pessoas não conseguirão mais brincar. Sem alegria a vida não se sustenta. Por isso a liturgia em sua dimensão lúdico-artístico-filial eleva o homem ao status do Filho eterno e à brincadeira eterna de Deus, que é a brincadeira do Ser.

Não podemos deixar de reconhecer que o momento líquido atual é propenso à rigidez motivada pelo medo e pela insegurança quanto ao futuro. Por isso não se brinca tanto e se acham motivos banais para conflitos que podem levar a tragédias. É preciso, pois, recuperar a criança que se perdeu nas sendas do medo e do horror das guerras, cujo embrião está dentro de casa, na alma sem perspectiva de futuro. Só brinca quem ama e se solta na força da liberdade e do prazer. Deus é liberdade e raiz do prazer. Anunciar Deus é convidar o homem a encontrar sua autêntica liberdade e a verdadeira capacidade de prazer. A liturgia, dentro do seu padrão

lúdico-artístico-filial, apresenta-se como um valor para a convivência social, uma contribuição para o momento atual. Mas para isso ela tem de ser dialogicamente humana.

4.3. Uma liturgia dialogicamente humana

O que queremos dizer com liturgia dialógica e humana? O dialógico indica o seguimento rigoroso das normas do diálogo, ou seja, supõe hermenêuticas diferenciadas do mesmo lógos. É um equívoco supor ou exigir que o outro entenda e sinta exatamente o que um interlocutor deseja que entenda e sinta por cada palavra ou gesto. A mesma palavra pode suscitar visões e sentimentos diferentes. Portanto o método dialógico conta com essa nuance e permite ao outro expressar o que sente, sem reduzir a riqueza de experiências comuns a uma única visão. Aí se realiza a grandeza da comunicação humana. É mais ou menos assim a natureza da empatia, que não exige que se sinta o que o outro sente (simpatia), mas que se solidarize com o outro, apesar da diferença.

O mundo líquido atual é, por natureza, antidialógico. O que “não sou eu” é estrangeiro e deve ser visto como suspeito. A virada na sacramentalidade da liturgia dá-se na redescoberta do humano como o símbolo sacramental primordial. Essa visão de sacramentalidade litúrgica é humanística, porque prioriza a inteireza da assembleia e da pessoa. Cuidar do altar, dos paramentos, dos vasos sagrados, do espaço litúrgico, dos livros e de todo o conjunto dos elementos visíveis em seu aspecto sacramental tomou devida proporção. Mas falta proporcionar os valores, pois se esqueceu de que o ser humano é o sinal sacramental primordial. Por causa disso, a pastoral da acolhida avança muito lentamente, a formação patina, e o paradoxo de espaços belíssimos, paramentos adequados e textos litúrgicos elegantes em confronto com ministros inadequados estão deixando a reforma litúrgica em crise. Muitas homilias travam a passagem das duas mesas da eucaristia, ao invés de funcionar como ponte. Ainda

não conseguimos ultrapassar, na prática, um limite que a renovação litúrgica ultrapassou teoricamente: do exterior para o interior, do material para o espiritual, do visível para o invisível. Essa passagem só pode ser feita no coração da pessoa que celebra.

Uma liturgia dialogicamente humana é “cuidadora” e “humanizadora”, contraponto num mundo desumanizado. Liturgias assim são anúncios proféticos perenes de um mundo novo onde todos sejam irmãos. O perdão será a prática comum da vida do cristão anelado pelo anseio da felicidade que Abraão carregou consigo quando saiu de Harã em busca da terra prometida.⁴⁸ Por isso a dialética do amor de Deus e a conversão sobrenatural em criança amada são o fulcro da pastoral litúrgica, preocupada em expandir as relações na linha do amor, de acordo com o hino de 1Cor 13. O zelo pastoral assumirá como preocupação central o crescimento humano dos membros da comunidade, inclusive dos ministros.

O zelo religioso pela pessoa humana em todas as suas dimensões é um grande ganho para ajudar a convivência entre as pessoas e toda a sociedade. É mais uma contribuição social que a liturgia da Igreja presta à conjuntura que atravessamos.

Considerações finais

A liturgia no mundo líquido constitui-se por celebrações de caráter sacramental-simbólico, cuja natureza necessita da solidez dos símbolos para poder expressar, significar e realizar a salvação num contexto altamente problemático, denominado por Bauman de “líquido”. Somente uma liturgia que expresse, signifique e realize o amor de Deus acolhido pela natureza humana pode ser eficaz no mundo de hoje. Rito por rito não há mais nenhuma esperança de que sem amor a Igreja consiga muito com sua liturgia milenar. É sintomático que o católico não tenha escrúpulo de mudar de religião,

⁴⁸ COSTA, Valeriano Santos. *Vida cristã: a existência no amor*, 2014, *passim*.

coisa que não fazia tão facilmente no período denominado por Bauman de modernidade sólida. O que busca é certamente sentido, amor, pertença. A fé é dom para os que creem. No bojo da crença está a possibilidade não só de acreditar em Deus, mas de sentir-se amado por ele. Esse é o epicentro da experiência de Deus. Se Deus é amor, sua comunicação com os seres humanos só pode ser uma comunicação de amor.

Então a liturgia de hoje tem de ser teófora, isto é, portadora de amor e convincente em sua comunicação de amor. Por isso mesmo é uma ação lúdico-artístico-filial, ou seja, uma liturgia que consegue elevar ao nível distendido da brincadeira, ao encanto absorvente da arte e ao epicentro do amor de Deus, no qual o ser humano consiga sentir plenamente amado por Deus Pai, engajado em Deus Filho e impulsionado a amar na força de Deus Espírito Santo.

Bibliografia

- BAUMAN, Zigmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*: Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*: Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zigmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BAUMAN. *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CONSTANT, Fred. *Le multiculturalisme*. Paris: Flammarion, 2000.
- COSTA, Valeriano Santos. *O amor de Deus*: teologia da redenção. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.
- COSTA, Valeriano Santos. *Vida cristã*: a existência no amor. São Paulo: Paulinas, 2014.

- COSTA, Valeriano. *Noções teológicas de liturgia*. São Paulo: Ave Maria, 2012.
- DELLA CROCE, Giovanna. Hadewijch de Antuérpia. in BORRIELLO, L, et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003, p. 490-491.
- GUARDINI, Romano. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942.
- JEANROND, Werner G. *Teología del amor*. Santander: Sal Terrae, 2013.
- KIERKEGAARD, Sören A. *As obras do amor: Algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Bragança Paulista / Petrópolis: Editora Universitária São Francisco /Vozes, 2005.
- MASILI, S. Liturgia, in *Dicionário de liturgia*. SARTORE, Domênico – TRIACCA, Achille M. São Paulo: Paulinas, 1992.
- RUPNIK, Marko I. Teología de la evagelización desde la belleza. Madrid: BAC, 2013, p. 297-328.
- SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.
- ŠPIDILÍK, Tomáš, La realización del hombre se da en el amor. In ŠPIDILÍK, Tomáš/TENA, Pere. *Celebrar el misterio*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 2004.
- ZUBIRI, Xavier, *Naturaleza historia, Dios*. Madrid: Alianza Editorial-Fundación Xavier Zubiri, 13º edição, 2007.

Recebido em: 13/10/2015

Aprovado em: 09/05/2016